



FALA DISCENTE

MIL ACASOS ME LEVARAM A VOCÊ, CIÊNCIA

Beatriz Alexandre-Santos

*Doutora em Ciências
Biomédicas pela
Universidade Federal
Fluminense*

Não fui uma criança que sabia o que queria ser quando crescer. Vivi essa fase da vida no modo Zeca Pagodinho, “deixa a vida me levar”. E a vida, tão generosa comigo, me levou ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Mais precisamente ao técnico em biotecnologia integrado ao ensino médio. Ainda com 14 anos, fui apresentada a um mundo infinito de possibilidades. Foram muitas aulas sobre estequiometria, ciclo de Krebs, cascata de coagulação e tantos outros conceitos que me eram desconhecidos. Entre cultura de células e exames parasitológicos, descobri que fazer ciência era um caminho.

Apesar de ter conhecido a possibilidade de ser cientista, minha vida pessoal sempre foi permeada por uma realidade humilde. Alguns poucos tios e primos com graduação, mas nenhum doutor. Acho que só conheci alguém com doutorado, e entendi o que esse nível de formação representava, ao ingressar no IFRJ. Minhas referências foram se construindo ao longo do técnico e, nesse processo, duas professoras mudaram minha vida ao me apresentar a biomedicina.

Enquanto finalizava o técnico e estagiava na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), decidi que queria cursar a graduação em uma das melhores faculdades de biomedicina do estado. E aqui minha história com a Universidade Federal Fluminense (UFF) começou. Apesar dos 32km que separam minha casa (na zona norte do Rio de Janeiro) do Instituto Biomédico (em Niterói), ingressei na UFF logo após concluir o técnico e desbravei o mundo dos transportes públicos intermunicipais.

Sinto que vivi tudo que a UFF tinha para me oferecer, incluindo várias greves no percurso. Fui monitora de histologia por três anos e isso foi um divisor de águas, fazendo meus olhos brilharem para a docência. Estagiei na FIOCRUZ, no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia e na própria UFF, dançando entre diversas áreas de atuação até encontrar o meu lugar.



Sempre defendi que a graduação é muito mais do que se faz dentro das salas de aula e vivi tudo que há para viver. Dos feitos que mais me orgulho, sem dúvidas meu coração bate mais forte pela honra de ter feito parte da criação e ter presidido a Associação Atlética Ronald Marques, representando o curso de biomedicina da UFF.

De forma circunstancial, defendi dois trabalhos de conclusão de curso e, com isso, sou biomédica habilitada nas duas opções que a UFF oferece: pesquisa científica e análises clínicas. Até aqui, eu já estava tão imersa no amor e orgulho de ser “UFFiana”, que optei por continuar na instituição para cursar o mestrado.

Ingressei no mestrado em ciências cardiovasculares e novos desafios precisaram ser superados, incluindo a falta de disponibilidade de bolsas. Graças ao apoio familiar irrestrito que sempre pude contar, consegui cursar os seis primeiros meses do mestrado até que houvesse bolsa disponível. Foi um período de desenvolvimento pessoal e profissional intenso e belos frutos foram colhidos. Além do meu primeiro artigo ter sido publicado em uma revista internacional de alto impacto sem nenhuma necessidade de revisão, meu trabalho recebeu dois prêmios de melhor dissertação do ano, pela Sociedade Brasileira de Cardiologia e pela Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro.

Depois do mestrado, optei por pausar a vida acadêmica para cuidar da saúde mental. Foquei em outras atividades e atuei como professora de instituições particulares. Bastaram alguns meses afastada e a saudade falou mais alto. Por infortúnio da vida, 14 dias se passaram após meu ingresso no doutorado em ciências biomédicas na UFF e fomos surpreendidos pela pandemia.

Fazer ciência foi meu refúgio durante o período pandêmico. As barreiras impostas pelo isolamento social me fizeram desbravar a ciência sob outra ótica e, nesse tempo, fui cientista de uma forma que eu não sabia que gostava de ser: participação em ligas acadêmicas, apresentação de palestras para público interestadual, oferecimento de minicursos... Tão desafiador quanto foi (e foi muito!), esse período moldou parte da cientista que sou hoje.

Ainda durante o doutorado, a UFF me escolheu para representar a instituição no evento “Diálogo Nobel”. Tive a honra de conversar remotamente com laureados sobre os desafios de se fazer ciência na América Latina. Já após o fim da pandemia, esse evento aconteceu novamente, dessa vez de forma presencial, e participei como convidada da Academia Brasileira de Ciências e do Nobel Prize Outreach.

Meu coração “UFFiano” é incansável e, ao concluir o doutorado, iniciei um pós-doutorado no mesmo laboratório. Assim, chegamos ao presente da minha história. Hoje, já acumulo alguns artigos publicados, orientações concluídas e em andamento, atividades de docência e divulgação científica, entre outras pequenas conquistas. Sigo celebrando cada avanço da minha breve vida científica e (quase) todo dia tem sido dia de alegria. Acumulei alguns sonhos no caminho que sigo batalhando para realizar, mas, até agora, “Eu vivi, eu amei, eu sorri, eu chorei... Eu estive aqui”.



Beatriz Alexandre-Santos

Biomédica, Pós-doutoranda e Doutora em Ciências Biomédicas pela Universidade Federal Fluminense

Aceito em 03 de fevereiro de 2025.